

14841 - A luta pela terra na construção da agroecologia: o caso das famílias do Assentamento Rancho Alegre – Chorozinho - CE

The building of the land struggle of Agroecology, in the case of families the Rancho Alegre Settlement - Chorozinho - CE

BARROSO, Héli da de Oliveira¹; SILVA, Beatriz de Araújo², CHAVES, Renata Paz Cândido¹, COELHO, Maria de Fatima Barbosa², AMORIM, Aiala Vieira²

1 Universidade Federal do Ceará - UFC, helida.oliveira@hotmail.com; rprenatapaz@gmail.com. 2 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), bia_araujo05@hotmail.com; coelhomfstrela@gmail.com; aialaamorim@unilab.edu.br

Resumo: Os movimentos sociais apresentam papel importante para a conquista da tão sonhada reforma agrária, e é a partir dela que famílias camponesas exploradas e expropriadas pelo latifúndio, conseguem realizar o sonho de possuir um lugar para viver e construir suas formas de vida e de reprodução da família. Foi com esse propósito que se levantou barracões de luta para conquistar a Fazenda Rancho Alegre. A resistência, o apoio dos movimentos sociais e a crença das pessoas ali presentes foram à chave para a desapropriação e no dia 20 de agosto de 2009 as 18 famílias que estavam pleiteando aquele espaço comemoraram a vitória. Porém, algo estaria por vir, o desafio de recuperar uma grande monocultura de café em algo que fosse exemplo para todo Estado do Ceará. Urgia a necessidade de se organizar para produzir alimento saudável garantindo a soberania alimentar das famílias, ou seja, fazer Agroecologia.

Palavras-Chave: Assentamento rural; Agroecologia; Organização.

Abstract: Social movements have an important role for the achievement of the envisioned reform, and it is from her that peasant families expropriated and exploited by landowners, can realize the dream of owning a place to live and build their livelihoods and household reproduction. It was with this purpose that arose sheds struggle to conquer Farm Rancho Alegre. The strength, the support of social movements and the belief of the people there were the key to the expropriation and on August 20, 2009 the 18 families who were claiming that space celebrated the victory. But something was to come, the challenge of recovering a large monoculture of coffee in something that was an example for the entire Ceará state. Urged the need to organize themselves to produce healthy food ensuring household food sovereignty, ie make Agroecology.

Keywords: Rural Settlement; Agroecology; Organization.

Contexto

A luta pela terra representa uma ação importante na construção da tão sonhada reforma agrária no país e a atuação dos movimentos sociais apresenta papel fundamental no apoio de formação política das famílias camponesas no processo de resistência e conflito para a conquista terra. É a partir dela que as famílias camponesas exploradas e expropriadas pelo latifúndio, conseguem realizar o sonho de possuir um lugar para viver e construir suas formas de vida e de reprodução da família. São as lutas por terra, educação contextualizada, segurança e soberania alimentar, acesso à água e políticas públicas de inclusão que motivam as organizações sociais de base a atuarem junto às famílias agricultoras na perspectiva de (in) formá-los dos seus direitos e deveres diante do Estado e da sociedade.

É a partir desse processo de luta que os camponeses são motivados a buscar outra realidade, mais justa e igualitária no campo, que reconheça seus modos de organização social para viver e produzir considerando sua relação com a natureza e com o próximo. Diante disso, é importante considerar a relação social-afetiva que os sujeitos constroem com seu lugar, no caso o campo, isso incentiva a luta pela terra e motiva cada vez mais as pessoas a permanecerem ou voltarem ao local onde está sua identidade, agora com uma formação política que sem dúvidas irá marcar momentos importantes na sua história de vida e na sociedade.

Nesse contexto, a ação dos movimentos sociais no processo de formação e reivindicação por terra, traz elementos que mostram um diferencial nos sujeitos envolvidos, seja em suas falas, seja na formação de líderes ou até em suas ações para com os outros. E é por isso que devemos nos permitir enxergar os diversos âmbitos dessa organização, a fim de tentar compreender a complexidade de simbologias que uma ocupação pode nos oferecer, tendo em vista que esse é o primeiro passo a ser dado até o Assentamento. Matos (2003, p. 61), relata sobre o quão importante e afetivas são essas organizações, pois vai além de um aglomerado de pessoas com o mesmo objetivo já que são nesses espaços que se estabelecem identidades, referências ideológicas e culturais, vínculos políticos, profissionais, histórico-existenciais e afetivos.

Com a conquista da Terra, as famílias são desafiadas a dar um novo passo, outra organização então se instaura para materialização de seus sonhos no território conquistado, um novo envolvimento é construído e os sonhos de viver e produzir na terra começa a se concretizar. Foi nesse contexto que a história do Assentamento Rancho Alegre, localizado no Município de Chorozinho a 73 km da Capital Cearense, foi estruturada. A fazenda era um latifúndio de monocultura de café com 127 hectares de terra, que estavam para ficar ociosos, pois seu dono está muito idoso e sem herdeiros, porém, havia a alguns quilômetros dali, pessoas que necessitavam de um pedacinho daquele chão, famílias agricultoras que trabalhavam em fazendas vizinhas, marcadas pela promessa de melhores condições de vida, que o patrão nunca cumpriu. A necessidade submeteu-lhes ao trabalho árduo, mas algo lhes satisfazia a esperança de uma vida melhor, de um chão que lhes pertencesse e que pudessem viver e produzir para a família. Foi então que a notícia da ocupação chegou e um aglomerado de famílias que logo se organizou para marcar o território e começar a lutar por dias melhores.

A resistência, o apoio dos movimentos sociais e a crença das pessoas ali presentes foram à chave para a desapropriação, um dia glorioso marcado na sofrida vida daquelas famílias, que agora habitariam “sua” terra. No dia 20 de agosto de 2009 as 18 famílias que estavam resistindo naquele espaço comemoraram a vitória e realocaram suas casas, antes do lado de fora da cerca, agora para dentro da sonhada terra.

Diante disso, o objetivo dessa discussão é relatar a história de conquista e a

experiência vivida na transição agroecológica com as famílias do Assentamento Rancho Alegre no município de Chorozinho durante uma atividade realizada junto ao grupo agroecológico da Universidade Federal do Ceará.

Descrição da experiência

Esta vivência aconteceu através do Grupo Agroecológico da Universidade Federal do Ceará (GAUFC). A viagem foi feita em um período crítico para os cearenses que esperavam por um bom período chuvoso, porém este Assentamento mesmo passando pelo período de estiagem apresenta um diferencial pela sua organização, distribuição de terras e água, pela maneira de cultivar e cuidar das suas terras tornando-o único em todo o Ceará, já que tudo aquilo que produzem é 100% Agroecológico.

Para esta visita tínhamos estudantes de diferentes cursos de graduação e universidades, como por exemplo, do curso de Agronomia, Engenharia de Pesca, Economia Doméstica, Biologia e Oceanografia da Universidade Federal do Ceará-UFC e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB. Ela foi planejada no sentido de conhecer a realidade de produção e organização das famílias do Assentamento, para isso o grupo foi dividido igualmente em quatro equipes, objetivando acompanhar de perto a diversidade encontrada no Assentamento, buscando identificar quais as práticas, cultivos e criações presentes nos quatro diferentes quintais.

As informações desse estudo se deram através de rodas de conversas com os Assentados, agregados e amigos do Assentamento, a fim de conhecer a realidade do lugar, origem dos moradores, educação, renda, tipos de cultivo, preocupação com o meio ambiente, se/como estavam sendo afetados pela seca e que estratégias os moradores tinham para driblá-la.

No quintal que visitamos, pode-se perceber a diversidade de culturas, bichos e vegetações todas integradas em um sistema agrossilvipastoril. Tudo compoendo uma lógica de equilíbrio. Foram encontradas culturas como bananeiras - diversos tipos, como por exemplo, maçã e pacovã- goiabeiras, milho – diversas variedades, como pingoró - acerola, capim para os animais, hortaliças dentre outras. Estas culturas são plantadas pela boa adaptação na região, cuidadas com defensivos orgânicos feitos a partir do caldo de cal (1L de cal diluído em 15L de água), manipueira com pimenta (pouco utilizado, devido seu teor tóxico) e a urina de vaca que serve como repelente (utilizado para substituir a ureia).

Os animais criados eram suínos (matrizes reprodutoras), bovinos (servindo como força de trabalho e retirada de leite), aves (utilizada para alimentação familiar e renda extra) e peixes (onde a água de cultivo serve tanto para manter irrigadas as culturas vizinhas como para a criação de tilápia). Os animais são criados soltos na propriedade (presos apenas quando necessário) e sua alimentação é toda vinda do próprio quintal, como por exemplo, a ração para as galinhas feita com a glicidia,

milho com sabugo, feijão, baje de jucá e angico. Assim como a alimentação para o gado e porcos também são oriundas do quintal produtivo.

Todo o sistema é interligado e manejado cuidadosamente, à água é distribuída uniformemente nos quintais por um sistema de adução vindo do rio para irrigar toda a produção durante o ano. É visível a importância que os moradores têm em relação àquela água, a forma simples, porém eficaz de gerenciar a água para que possa atingir toda a propriedade familiar é incrível, cada um desenvolve suas tecnologias para melhor distribuí-la.

Resultados

A comunidade apresenta um grau de organização incrível, ver-se claramente a presença dos movimentos sociais nos discursos dos moradores/agricultores, a facilidade de entender a informação e conseguir debater, estando em alerta aos seus direitos, o que vem refletindo na história do lugar, desde sua conquista à sua estruturação e manutenção.

Com muita esperteza foram redesenhando o espaço que agora é seu lar, o que era uma monocultura de café agora estava se transformando em exemplo de diversidade e conquista para os vizinhos, aos poucos tudo se adaptava e tomava forma.

Dentre toda cultura enraizada de produção e o sentimento de “coronelismo”, é compreensível o rumo que essas pessoas iriam tomar. Porém, a ajuda dos movimentos sociais foi de extrema importância e tudo se encaminhou de forma diferente. E por isso logo os resultados foram perceptíveis, a começar na distribuição de terras, foi com a simplicidade da existência e vivência onde decidiram que cada agricultor conseguiria manejar para não faltar produção durante todo o ano, cinco hectares de terra, envolvendo toda a família na produção e assim foi feito. Não que o restante das terras fosse ficar improdutivo, mas se tornou coletivo ou destinou-se para preservação (Reserva Legal).

Uma produção cooperativa que envolve desde a mulher, aos filhos e amigos. Todos envolvidos em uma maneira de fazer agricultura que está além da produção, mas integra as pessoas, as plantas, os animais, o modo de vida e o ambiente em um único sistema. Como diz Almeida (2009, p.98) trata-se, por conseguinte, de uma história estreitamente ligada à vida e a economia daqueles que cooperaram e ainda cooperam, ou seja, está ligada intimamente as relações sociais de produção e distribuição daquilo que os homens têm necessidade ou daquilo a que aspiram para viver.

E assim o manejo que respeita o solo e toda biodiversidade em volta e vem gerando produção do período de estiagem ao mais chuvoso. Levando em consideração o que é descrito por Richards *apud* Altieri (2009, p. 29) que esse tipo de manejo é uma estratégia de minimizar o risco através do cultivo de várias espécies de variedades de plantas estabilizando a produtividade a longo prazo, promovendo a diversidade

do regime alimentar e maximizando os retornos com baixo níveis de tecnologia e recursos limitados. É o que vem garantindo a alimentação das famílias do campo e da cidade, deixando o camponês seguro em relação à sustentabilidade do ambiente, a economia familiar e conseqüentemente, garantindo a manutenção da vida camponesa.

Uma organização bem consolidada é base para uma construção em coletivo, nestes casos o homem consegue relacionar-se com o outro e perceber que o ambiente é gerador de vida, de alimento e a relação de ambos é horizontal.

Tendo em vista o modo de vida levado pelos agricultores (as) do Rancho Alegre percebe-se a estreita relação que essas pessoas têm com o ambiente, isso se torna enriquecedor no campo acadêmico, pois é a partir de vivências como estas que o conhecimento teórico pode ser complementado e aperfeiçoado para a realidade do homem do campo.

É a partir de momentos como estes que os dois conhecimentos - empírico e teórico-completam-se. Por isso destaca-se a importância dos estudantes conhecerem a história local e como iniciaram as práticas de agricultura sustentável, tendo em vista que pretendem se tornar técnicos comprometidos com as relações ambientais, sociais, políticas e econômicas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jalcione, **A Construção Social de Uma Nova Agricultura: Tecnologia agrícola e movimentos sociais no Sul do Brasil**, 2. Ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ALTIERI, Miguel, **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**, 5. Ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MATOS, Aécio Gomes, **Organização Social de Base: Reflexões sobre significados e métodos, série Debates e Ação**, volume 4. Brasília: Editora Abaré, 2003.